

ENTREVISTA

MEDITAÇÕES SOBRE ARTE, CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: ENTREVISTA COM O POETA SILVIO DIOGO (*IN MEMORIAM*)

Por José Rafael Madureira¹

DOI: 10.5281/zenodo.18706896

APRESENTAÇÃO

Silvio Diogo Lourenço dos Santos nasceu em Uberaba, Minas Gerais. Filho de uma literata (Rosa), começou a escrever ainda menino, uma atividade que em vida jamais foi interrompida – é sabido que ele acordava todos os dias às cinco horas da manhã para ler e escrever. Aos 17 anos, ingressou no curso de Jornalismo na Universidade de São Paulo (USP) e logo foi incluído nos círculos de poetas-anarquistas da capital paulista.

Em 2008, tomou posse como servidor efetivo na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), campus Diamantina (Minas Gerais), onde assumiu, junto à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc), a função de produtor cultural.

Além da escrita, o poeta mineiro era fotógrafo, musicista diletante e ditirambista. Foi justamente em um de seus transe dionisíacos que ele fertilizou uma bacante. Cerca de 40 semanas depois, nasceu uma linda criança que garantiu ao casal realizar o desejo de Eros: a imortalidade.

Silvio Diogo continuou atuando com muita dedicação junto à Proexc, promovendo toda sorte de eventos: encontros, semanas de integração, mesas, exposições, mostras, rodas de conversa, etc. Em 2011, com alguma ousadia, criou a *Arte Desemboque*, uma casa editorial que ganhou relevo no mercado através da publicação de uma obra de impacto: a tradução – de sua própria autoria – de *O olho da mulher* (2012), coletânea de poemas da escritora e ativista nicaraguense Gioconda Belli. Em 2013, criou o blog *Desenhares*, um espaço de registro e divulgação de seus estudos, resenhas e experimentos sonoro-visuais ainda disponível na rede².

¹ Doutor em Educação (UNICAMP). Pesquisador-líder do Hop Musical – Grupo de Estudos em Métodos e Técnicas de Ensino de Dança, Teatro e Música (CNPq) e professor associado junto ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). E-mail: joserafaelmadureira@gmail.com.

² Disponível em: <https://desenhares.wordpress.com>

O destino trágico lhe passou uma rasteira. Por volta de 2015, passou a investigar a causa de alguns desconfortos na virilha. Talvez, fosse alguma distensão muscular decorrente de suas excêntricas improvisações de dança. A situação era mais séria do que poderíamos imaginar. O processo foi lento e desgastante com melhoras e retrocessos súbitos.

Em 2018, aos 35 anos, como último manifesto de amor pela arte, nos presenteou com a publicação de *Cambalhota* (Arte Desemboque, 2018), uma coletânea de poemas escritos entre 2007 e 2017. Poucos meses depois do lançamento do livro, Silvio Diogo nos deixou, deixando também inconclusa, em botão, uma obra poética que precisaria ainda de muitos anos para amadurecer e revelar todo o seu esplendor. A perda para a universidade foi irreparável; entre os amigos, deixou muita saudade...

A entrevista que segue, realizada em 27 de outubro de 2016 nas imediações do Departamento de Educação Física da UFVJM³, é um registro raro das reflexões de Silvio Diogo sobre o lugar da arte na universidade e no processo de formação dos estudantes. Esses pensamentos, tecidos com muita franqueza e objetividade, apresentam-se como linha de fuga para a notória dificuldade de articulação entre ensino, pesquisa e extensão – quiçá, também, possam nos ajudar a pensar as questões da creditação da extensão – ainda em pauta – para além das atribuições meramente burocráticas, alcançando a “dimensão do sonho”, como ele dizia com brilho nos olhos.

Como poderemos constatar, Silvio Diogo sempre apostou na potência da arte e da sensibilidade como agentes transformadores da realidade, especialmente no contexto da extensão universitária.

*
* *

Revista Extramuros - Bom dia, Silvio! Muito grato por aceitar a realização desta entrevista. Poderia nos falar um pouco sobre a sua formação acadêmico-profissional e sobre as suas experiências no campo na cultura e da arte?

³ Agradeço à Renato Valadares e Rayane Brandão pela contribuição no processo de gravação e transcrição da entrevista.

Silvio Diogo Lourenço - Eu trabalho aqui na universidade desde 2009 como produtor cultural, na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura [da UFVJM]. Sou formado em jornalismo. Fiz Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela USP entre 2000 e 2004. Depois disso, tive uma experiência como editor de livros em uma pequena editora em São Paulo chamada Edições Toró. Foi por meio desta editora que publiquei dois livros de poesia⁴, um trabalho que eu já vinha desenvolvendo e, também, contribuí na edição de livros de outros autores. Essa editora era mais um selo editorial do que uma editora formal com CNPJ, e atuava junto ao movimento de literatura periférica com autores que moravam nas periferias de São Paulo. Esse trabalho era um trabalho tanto editorial e poético quanto visual, porque era um trabalho com a caligrafia, com o tratamento artesanal das edições e um movimento que estava bastante associado ao movimento cultural que era muito forte naquela época em São Paulo. Fiquei nesse trabalho nas Edições Toró de 2005 até o início de 2009. Foram mais ou menos quatro anos e depois eu vim para Diamantina, quando fui aprovado em um concurso aqui na universidade. Eu sou mineiro, de Uberaba, mas morei em São Paulo durante nove anos nesse período de formação. E, além disso, em São Paulo, eu também estava muito envolvido com a cena cultural, tanto de literatura, poesia, quanto teatro, música, cinema. Foi um período muito rico para mim. Em 2004, eu fiz o TCC do curso de jornalismo sobre os movimentos culturais em Recife e Olinda⁵. Passei quatro meses entre Recife e Olinda e fiz um trabalho a respeito de movimentos culturais daquela região. Foi uma experiência muito rica para mim. Eu também gostava de dançar e fazia algum trabalho ali em São Paulo nessa linha, mas era mais uma coisa de *hobby*, de diversão do que algo que tenha levado para uma pesquisa ou algo que tivesse uma formação artística no sentido mais estrito. Bom, essas foram algumas experiências que eu tive durante o meu período da graduação. Essa coisa do desejo de escrever poesia já vinha desde antes. Em Uberaba, em 1996, eu estava com 13 anos e participei de festivais de declamação de poesia⁶. Eu gostava muito dessa coisa de poesia e da ideia de recitar, da ideia de falar poesia em voz alta para um público,

⁴ *Respingos e clamores: libreto do fundo do peito liberto* (2005) e *Desenho do chão* (2008).

⁵ TCC intitulado *O que vive fere: colcha recif(olind)ense de retalhos* e realizado sob a orientação dos professores Carlos Marcos Avighi e Cláudio Júlio Tognolli.

⁶ Ele foi um dos dez premiados no Festival de Declamação de Poesias de Uberaba, realizado pela Secretaria Municipal de Educação de Uberaba.

associada ao teatro, às artes cênicas de um modo geral. Depois dessa experiência em São Paulo que já relatei, em Diamantina, a partir de 2009, tive essa experiência de trabalhar na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Isso foi muito rico no sentido de pensar a cultura, também, do ponto de vista institucional, de pensar editais, pensar formas de apoio, pensar articulações de grupos, trabalhar de certa forma mais nos bastidores, conhecendo os trabalhos dos grupos, dos professores que têm perfil na área da cultura, estudantes, grupos da cidade, grupos da região do Vale do Jequitinhonha. Essa experiência de aproximação com esses grupos também foi algo muito forte, muito rico. Eu também participei durante um ano e meio de aulas [de trompete] no Conservatório Estadual de Música Lobo de Mesquita e fiz parte do Coral Cênico UFVJM, do qual tive de sair, mas pretendo voltar⁷. Em linhas gerais é isso.

R.E - Para você, qual é o sentido da extensão universitária?

Silvio Diogo Lourenço - É interessante a pergunta, porque durante o meu curso de graduação lá na USP, de certa forma, eu ouvia falar sobre extensão universitária, mas não sabia o que significava, não tinha ideia do que significava a extensão universitária, até porque a extensão, na USP, é um pouco, assim, digamos, dentro de uma estrutura universitária; ela existe, mas não tem grande peso institucional. Eu tive uma companheira que trabalhava num projeto de extensão denominado “Piá”, realizado pela Faculdade de Educação e desenvolvido numa escola na Barra Funda com moradores pobres no centro de São Paulo. Por conta deste envolvimento com movimentos culturais e sociais de estudantes, de pessoas que estavam ligadas à universidade, eu me aproximei muito deste olhar para fora da universidade, mas a palavra *extensão*, o nome *extensão*, de uma forma institucional, não era algo que dizia muito para mim. Só depois, quando eu vim aqui para a universidade, trabalhar em uma Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, é que me dei conta de que muitas das experiências que eu tive eram experiências de extensão universitária. Eu penso que a extensão acontece quando há um diálogo, quando há uma relação criativa entre o saber que se produz ou que se pesquisa ou que se ensina na universidade, como também saberes, práticas, produtos, criações, produções culturais que são externas à universidade e que,

⁷ Alguns registros fotográficos da participação de Silvio Diogo nesse projeto podem ser apreciados em: <https://coralcenicoufvjm.wordpress.com/>

digamos, funcionam de uma outra forma, por outros meios, com outros signos, com outras linguagens, com outra temporalidade, com diferentes atores de diferentes idades – há uma questão geracional, também, na extensão. Acho que essa troca, esse vínculo, que é um vínculo de vivência, um vínculo de experiência social, de experiência política é o que marca a extensão universitária, no modo de ver. A extensão, quando se torna institucionalizada, tem algumas características e algumas distinções que separam eventos de cursos, de projetos, de programas, de prestação de serviço, da cultura, das diversas áreas temáticas da extensão. Penso que o cerne é essa relação, que é uma relação política entre a universidade e o entorno, entre a cultura que se manifesta para além dos campos da universidade, por isso *ex-tensão*, algo que está para além do nosso campo conhecido ou daquele campo que a gente considera o campo até onde vai o nosso conhecimento, a nossa prática, a nossa ação. A extensão é sempre esse olhar provocativo para algo que não está no campo do conhecido, no campo do já dominado, do já experienciado.

E.M - O que você pensa sobre a cultura e a arte como espaços de formação dos estudantes universitários?

Silvio Diogo Lourenço - Esse é um tema muito caro para mim, porque desde sempre me alimentei do ponto de vista da criação, do estudo, da pesquisa, da cultura e da arte; sempre coloquei entre as minhas leituras [acadêmico-científicas] a leitura de poesias, de romances, de contos, de peças de teatro, além de assistir a filmes, peças de teatro, concertos de música. Tudo isso sempre foi, para mim, uma grande fonte de aprendizado, até por uma questão de trajetória. Penso que a universidade é um local de pesquisa, de experimentação, de descoberta, de tentativa e erro, de transitar por aquilo que ainda não está colocado no currículo, nos livros didáticos, naquilo que ensinamos. A universidade existe para transcender esse universo do já instituído. Portanto, a arte é uma grande fonte de transtorno para o estudante, para o professor, para o pesquisador, porque é o trânsito por essa linguagem que não dominamos todos os recursos, onde há espaço para o imprevisto, para o inusitado, para a experimentação. Eu creio que a linguagem da arte também requer um aprofundamento de intensidade, de envolvimento. Eu penso que a arte é instigante neste sentido, um território de descoberta, de encanto, de onde você muda o modo de relacionar as coisas, o modo de ver as coisas, e esse modo de ver as coisas também é um modo político de encarar as coisas, de encarar o seu próprio corpo, de encarar a sua própria voz, o seu próprio campo de conhecimento, a amplitude daquilo que você consegue abarcar com o seu entendimento, com a sua compreensão, com a sua linguagem.

Penso que é rompendo com essas fronteiras, indo além desses limites, que nós conseguimos crescer, que nós conseguimos florescer.

E.M - Qual é a sua visão sobre o edital Procarte observando-se que você foi um dos responsáveis pela sua criação?

Silvio Diogo Lourenço - O Procarte surgiu em 2012. Agora, ele está com quatro anos, é uma criança que está crescendo aos pouquinhos e é um edital que tem um grande dado positivo e uma grande limitação⁸. O dado positivo é que ele conseguiu, dentro da estrutura da Pró-Reitoria de Extensão – nós temos a diretoria de extensão e a diretoria de cultura – o edital do Pibex, que é o Programa [Institucional] de Bolsas de Extensão que já existia. O Procarte conseguiu definir uma linha específica de fomento para a área de arte e cultura. Para isso, foi preciso criar regulamentos, criar categorias, exercer um olhar tanto dos conselheiros de extensão quanto do Pró-Reitor, dos professores e dos estudantes para que o campo da arte fosse um campo específico. O campo da cultura já existia no edital Pibex, mas quando você muda o olhar e destina, das 60 bolsas anuais, 10 para o Procarte, você começa a criar na comunidade universitária um olhar específico para a área de arte e cultura e aí começa, também, a amadurecer os critérios de seleção, a amadurecer o que é o campo da arte e da cultura, ou seja, você começa a definir uma área e a delimitar uma certa atenção específica para a área de arte e cultura dentro da universidade, a partir da Pró-Reitoria de Extensão. Eu penso que esse é o grande fator positivo da criação do Procarte. Com o passar do tempo, nós identificamos alguns grupos, algumas ações, alguns projetos que vão se fortalecendo, que vão criando canais entre si, que conseguem produzir de forma mais planejada. Esse amadurecimento e essa trajetória continuada de formação é o grande fator positivo. Por outro lado, nós temos limitações de logística da própria universidade, limitações de recursos financeiros e de formas de gastar os recursos financeiros dentro da instituição. Uma das grandes restrições do Procarte é a questão de você não poder pagar cachê artístico para um artista de fora, desde um mestre da cultura popular quanto um artista de vanguarda, um poeta, um músico experimental ou alguém de dança contemporânea. Porque nós, dentro da estrutura da Proexc e dentro da carência de recursos financeiros do Procarte, conseguimos bancar a bolsa

⁸ A análise dos primeiros anos desse edital, encabeçada por Silvio Diogo, pode ser apreciada no artigo *Extensão universitária e formação acadêmica: alguns apontamentos sobre os 5 anos de vigência do Procarte/UFVJM* (MADUREIRA, 2019), disponível em: <https://periodicos.ufv.br/elo/article/view/7317>

do estudante, algum recurso para fomentar uma impressão de cartazes, um empréstimo de equipamentos, cessão de alguns espaços físicos. E até dentro desta questão dos espaços físicos a universidade deixa a desejar, sabendo que nós não temos um centro cultural nem espaços adequados para as práticas artísticas [como o teatro, a dança]. O departamento de Educação Física é um dos lugares onde nós temos alguns espaços até mais adequados do que outros setores da universidade. Assim, eu chamaria a atenção para esses dois pontos do Procarte. Outra coisa interessante é o fato de que essa discussão sobre arte na universidade não está só aqui e, portanto, quando você cria o Procarte, você também se conecta com outras universidades que produzem arte e cultura. Criar esse ponto de conexão com outras universidades é outro fator importante do Procarte.

E.M - Você está satisfeito com o desenvolvimento desse programa desde sua primeira edição, lançada em 2012?

Silvio Diogo Lourenço - Olha, eu acho que adiantei algumas respostas neste sentido na resposta anterior, mas eu destacaria o seguinte: acho que havia um desejo de que a área de arte e cultura crescesse e se articulasse e pudesse se conectar, tanto entre si, quanto com outras diferentes áreas do conhecimento na universidade. Creio que isso aconteceu, mas aconteceu de forma tímida. Também penso que é ainda preciso insistir entre os conselheiros de extensão e cultura para a permanência do Procarte, tendo em vista o contexto atual de corte de recursos financeiros; resumindo, não é uma batalha ainda ganha que se pode considerar vencida, acho que é algo que precisa se manter em um certo estado de tensão para que nós possamos garantir a permanência de um apoio específico para a área de arte e cultura na universidade. Evidentemente que algumas outras ações... a própria possibilidade de pagamento de cachê, de residências artísticas com mestres da cultura popular, com artistas que não pertençam ao ambiente universitário, são ainda sonhos que acalentamos, mas que não veem materializados em um horizonte próximo. Outro fator que me anima é o fato de que muitos estudantes que vivenciaram experiências artísticas no contexto do Procarte vão levar isso para suas trajetórias de vida. Isso é algo que me anima muito. Tenho certeza de que depois de ser, de certa forma, picado por esse mosquitinho da arte, muita gente não vai deixar de se dedicar a ela, seja como alguém que exercita a fruição artística, seja como artista, seja como professor que se aproxima do campo da arte para poder fazer o seu trabalho. Então, penso que essa é uma das grandes vitórias do programa.

E.M - Que referenciais você usa em suas investigações teóricas sobre a extensão universitária e suas interfaces com a cultura e a arte?

Silvio Diogo Lourenço - Bom, eu fiz uma monografia de especialização que tematiza a extensão universitária⁹ e há todo um conjunto de produções no âmbito do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Brasileiras, o FORPROEX. Além do FORPROEX, que é o fórum das universidades públicas, há o fórum das universidades comunitárias e os fóruns de universidades particulares. Esses fóruns se reúnem periodicamente e produzem uma série de textos que tematizam a área da extensão. Essas relações mais recentes entre cultura e extensão universitária foram objeto de estudo do professor Alberto Tibaji da Universidade Federal de São João del-Rei. Eu não saberia indicar um texto específico, mas saberia indicaria esse autor. Essas discussões também estiveram presentes nas últimas reuniões do fórum até para a criação do projeto Corredor Cultural entre as universidades e do programa Mais Cultura nas Universidades. Eu indicaria um texto que, na verdade, é de um economista, o Celso Furtado. O Celso Furtado fez todo um trabalho sobre economia, macroeconomia, economia política durante bastante tempo; mais para o final da sua trajetória acadêmica de estudos e pesquisas, ele se debruçou sobre a área da cultura. Tem um livro dele que se chama *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial*, publicado entre o final dos anos 1970 e o começo dos anos 1980 e foi reeditado agora, recentemente [2008]; é um livro que aborda a criatividade como elemento fundamental às sociedades humanas, independente da área em que você se atém, tanto economia, quanto política, quanto às relações que se dão no interior das sociedades para sua própria organização. A cultura atravessa as relações humanas de uma forma muito mais densa do que nós imaginamos à primeira vista. Esse livro tem esse viés, do ponto de vista tanto dos países, de forma global, quanto dessa relação de dependência, dependência política, dependência econômica. Acho que é um livro interessante para pensar o campo da cultura como um vasto campo de possibilidades, de um ponto de vista mais global.

⁹ O trabalho, intitulado *A metáfora do coração: uma leitura da extensão universitária à luz do pensamento de María Zambrano* e realizado sob a orientação de Jorge Hamilton Sampaio, encontra-se disponível em: <https://desenhares.wordpress.com/2014/05/06/a-metaphora-do-coracao/>

E.M - Você gostaria de acrescentar mais alguma reflexão sobre a relação entre arte, cultura e extensão universitária?

Silvio Diogo Lourenço - Eu penso que aquilo que nos atrai do ponto de vista da percepção, do olhar, dos encontros, das relações, do desejo, é algo que está presente na nossa formação, é algo ao qual nós damos pouca importância ou uma importância paralela ou secundária ou acessória durante o nosso período de formação na universidade. Conforme vai passando o tempo, nós vamos percebendo que aquilo que mais nos chamava a atenção, que mais nos atraía, que mais movimentava o nosso desejo, era o cerne da coisa, era o cerne da nossa formação, e isso guiava os nossos propósitos de estudo, de trabalho, de pesquisa. Então, recuperar esse olhar para o desejo, para essa “metáfora do coração”, como a María Zambrano¹⁰ diz, o saber sensível, eu creio que é algo que ainda está muito incipiente na universidade, isso que alguns chamam de corpo sutil da universidade, que seria essa outra face que ela pode ter, uma projeção de futuro. Nós vivemos em um período de muito descrédito, de muito desalento com esse contexto nefasto da PEC 241 que congela os gastos da universidade¹¹. Penso ser importante recuperarmos a dimensão do sonho, a dimensão da projeção do futuro como uma dimensão fundamental da universidade, porque sem ela nós não nos movemos pelo desejo, pela arte, pela poesia, pela dança, pela música; são esses ímãs que nos chamam, que nos convocam para movimentar, para criar, para produzir e também para construir uma universidade.

¹⁰ Zambrano, María. *A metáfora do coração e outros escritos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

¹¹ Referência à proposta de emenda constitucional encaminhada pelo governo de Michel Temer.